

EUR 1002 – ABORDAGENS SOBRE CIDADES E DINÂMICA URBANA

2017.2 – 4 créditos / 60 horas – QUARTAS, 14:00-17:30

MÁRCIO MORAES VALENÇA

EMENTA:

Principais abordagens teóricas sobre a cidade. A Escola de Chicago, a teoria dos lugares centrais, as abordagens marxistas. A tentativa de construção de uma “teoria urbana geral”. O Direito à Cidade. Cidade e cidadania. Cidade e mercado. A agenda urbana contemporânea. A produção do espaço. O espaço construído. Os agentes produtores do espaço. A propriedade privada e a renda da terra. Dinâmica imobiliária e mercado. Os agentes do mercado imobiliário. Os promotores imobiliários. O Estado e a promoção da cidade. O marketing urbano. As políticas públicas urbanas. A legislação urbanística. A função social da cidade. A infraestrutura e os serviços urbanos. A segregação espacial na cidade desigual. Violência urbana e arquitetura defensiva. Os grandes projetos urbanos. O urbanismo espetáculo. Cidade contemporânea, cultura e globalização. A crise urbana e o papel da criatividade. Serendipidade, criatividade e espaços públicos. Cidades criativas e culturais. Planejamento cultural da cidade.

OBJETIVOS:

A disciplina visa discutir os conceitos e temas elencados na ementa em referência ao trabalho dos principais teóricos do campo dos estudos sobre as cidades e o urbano, no contexto internacional. As aulas não necessariamente seguem estrito ordenamento histórico do desenvolvimento urbano, podendo ir e vir no tempo.

AVALIAÇÃO:

A avaliação da disciplina consta das leituras realizadas (apresentações e comentários) durante o semestre (50%) e de trabalho final que consiste de TEXTO individual com 1000-1200 palavras, em que o discente discorre sobre um TEMA de sua escolha, utilizando as ideias de autores que apresentou/comentou ao longo do semestre e de pelo menos mais UM dos autores estudados (entre os que não teve de apresentar/comentar).

AULA 1 – LEWIS MUMFORD

Daremos início ao curso, discutindo, primeiro, a cidade romana que inaugurou, com uma certa disposição de infraestruturas, de edifícios públicos e de serviços, um modelo expandido de cidades em muito parecido com o que temos hoje; depois, discutindo o que veio imediatamente antes da cidade capitalista, a cidade medieval. Para ambas as discussões, utilizaremos o seminal trabalho do historiador Lewis Mumford, publicado em 1961. Complementarmente, analisaremos um capítulo de seu primeiro livro “História das utopias”, importante para compreender como, a partir de meados do século XIX, a cidade passa a se reconfigurar como cidade moderna.

Mumford, Lewis. *A cidade na história. Suas origens, suas transformações, suas perspectivas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965 [1961]. (Capítulo VIII: De megalópoles a necrópolis, p.209-317; Capítulo X: Vida doméstica urbana medieval, p.365-408).

Mumford, Lewis. *The story of utopias*. New York: Boni and Liveright Publishers, 1922. (Chapter Six: How something happened in the eighteenth century which made men “furiously to think”, and how a whole group of utopias sprang out of the upturned soil of industrialism, p.111-129).

AULA 2 – FRIEDRICH ENGELS

Em seu livro mais conhecido, Engels disserta sobre as precárias condições de vida do proletariado, nas grandes cidades inglesas, em meados do século XIX. Engels oferece rico relato sobre a moradia proletária, recorrendo a inúmeras fontes de dados, como documentos governamentais, relatos policiais, atas de tribunais, artigos da imprensa e pesquisa de campo, além de literatura especializada. Em seu relato, Engels percorre as principais cidades britânicas, o berço do capitalismo industrial, onde a riqueza mundial se concentrava na época: Londres, Dublin, Birmingham, Manchester, Leeds, Bristol, Edimburgo, entre outras.

Engels, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010. [1845] (As grandes cidades, p.67-116)

AULA 3 – PETER HALL

Sir Peter Hall foi um dos mais influentes geógrafos do século XX-XXI, tanto academicamente, como tecnicamente na assessoria ao governo britânico de grandes projetos urbanos. Entre inúmeras de suas obras, destaca-se, com tradução para o português, o livro “Cidades do amanhã”. A discussão que faz no último capítulo sobre as condições ambientais degradadas em que vivem as classes menos privilegiadas no contexto de várias cidades do mundo (Chicago, St. Louis, Londres), no final do século XX, tem muito em comum com o que diz Engels sobre as cidades inglesas, de e há um século e meio antes. Hall toma como base para a discussão os princípios da conhecida Escola de Chicago sobre a estrutura social das grandes cidades. Conceitos como marginalidade, segregação e gueto são utilizados para explicar os conflitos e divisões sociais entre uma população branca originária, negros e os novos imigrantes nas cidades.

No mesmo livro, no Capítulo 7, Hall discute o impacto que teve o pensamento do arquiteto e urbanista suíço-francês, Le Corbusier, no urbanismo internacional, ao longo do século XX. Aqui, iremos aproveitar a oportunidade para tratar do esforço de reconstrução das cidades europeias e da renovação urbana (suburbanização) americana no período após a segunda guerra.

Hall, Peter. *Cities of tomorrow: in intellectual history of urban planning and design in the twentieth century*. Oxford: Blackwell, 1988. (Chapter 12: The city of permanent underclass. The enduring slum: Chicago, St. Louis, London, 1920-1987, p.361-400; Chapter 7: The city of towers. The Corbusian Radiant City: Paris, Chandigarh, Brasília, London, St. Louis, 1920-1970, p.204-240).

AULA 4 – WALTER BENJAMIM

Benjamin não é menos conhecido do que Baudelaire, que ele considerava o poeta que melhor representou o modernismo. Paris era, na época em que o poeta a acolheu em seus versos, o centro cultural global, abrigando artistas e intelectuais de várias matrizes. Era também uma cidade em acelerada transformação, trazida por revoluções políticas, econômicas, tecnológicas e urbanísticas. Tal transformação corresponde à generalização na vida urbana e cotidiano do que Benjamin entende por modernismo. O poeta *flâneur* era o poeta solitário na multidão. Projetou o seu olhar acerca da cidade em meio a todos os que o cercavam, incógnito. Com isso, a sua leitura não poderia ter sido mais isenta e, mesmo assim, intensa e pessoal. Era um observador atencioso aos detalhes. A Paris de Baudelaire é a Paris que se projeta para o futuro, com iluminação de rua, transportes públicos, calçadas (ainda estreitas), transeuntes, bulevares, cafés e profundas mudanças sociais.

Benjamin, Walter. Obras escolhidas. Volume III: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1994. [1930s-1940s]. (parte I: O flâneur, p.33-65; A modernidade, p.67-101; Sobre alguns temas em Baudelaire, p.103-149).

Benjamin, Walter. Obras escolhidas. Volume I: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. [3ª Edição.]. (A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica [1936], p.165-196).

AULA 5 – HENRI LEFEBVRE

Lefebvre tem uma extensa produção científica, tendo abordado temas filosóficos e sociológicos os mais diversos. O rural, o urbano, o cotidiano, a alienação e a política predominam em sua produção. Foi um polêmico e criativo acadêmico, tendo sido influenciado por eventos de seu tempo, como revoluções, guerras e convulsões sociais. Lefebvre, já na década de 1960, formula a tese da urbanização total da sociedade. A cidade é ao mesmo tempo o *locus* da alienação e de sua própria libertação. O cotidiano é determinante dos papéis sociais de pessoas e de objetos. Ele foi um crítico ferrenho do tipo de desenvolvimento urbano planejado pelo Estado no pós segunda guerra. Para ele, tratava-se de um urbanismo desumanizado, de tecnocratas a serviço de interesses alheios ao da população de usuários. Em “O direito à cidade”, ele enfatiza o papel que deve ter a participação permanente das pessoas na determinação dos projetos a serem implementados na cidade. O direito à cidade é isso: o direito de decidir sobre os destinos da cidade num mundo crescentemente urbano.

Lefebvre, Henri. A revolução urbana. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. [1970]. (Capítulo 1: Da cidade à sociedade urbana, p.15-32).

Lefebvre, Henri. De lo rural a lo urbano. Barcelona: Ediciones Península, 1971. [1970]. (Capítulo V: Introducción a la psicossociología de la vida cotidiana, p.85-102; Capítulo XV: El urbanismo de hoy. Mitos y realidades, p.205-214.)

Lefebvre, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Editora Moraes, 1991. [1968]. (O direito à cidade, p.103-117).

AULA 6 – JANE JACOBS

Jacobs tornou-se um ícone do enfrentamento ao crescimento a todo custo do mercado imobiliário nas grandes cidades americanas, em particular, Nova York. Opôs-se enfaticamente aos projetos de Robert Moses, em particular ao projeto que transformaria a área da Washington Square, em Greenwich Village, onde Jacobs residia. Seu livro mais famoso discute o desastre urbanístico e ecológico do desenvolvimento urbano modernista, com suas vias rápidas para tráfego de automóveis, grandes edifícios residenciais e destruição funcional e simbólica do espaço público das ruas. A autora se coloca contra este tipo de desenvolvimento e a favor de um desenvolvimento que traga as pessoas de volta para as ruas, para as esquinas, onde os serviços do cotidiano estejam presentes no andar térreo, fomentando o convívio pacífico, não necessariamente entre conhecidos, mas entre reconhecidos, ou seja, pessoas que vivem no ou frequentam o bairro.

Jacobs, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. [1961]. (Introdução, p.1-26; Capítulo 7: Os geradores de diversidade, p.157-166; Capítulo 11: A necessidade de concentração, p.221-244).

AULA 7 – KEVIN LYNCH

Este texto seminal de Lynch é leitura obrigatória para quem estuda os aspectos da percepção nas cidades contemporâneas. O que o autor faz é ressaltar os aspectos principais que moldam a

compreensão que temos e como nos encontramos e guiamos nas cidades, mesmo as mais complexas. Lynch preocupa-se, em particular, com a “legibilidade” da cidade para quem nela vive e se movimenta. Uma cidade agradável e boa de viver é uma cidade com clara legibilidade. Há vários elementos imagéticos que facilitam tal legibilidade, como as vias (ou caminhos), os limites, os pontos nodais, os bairros (ou distritos) e os marcos (monumentos ou pontos de referência). São símbolos reconhecíveis e identificáveis que atuam como dicas sensoriais de reconhecimento do ambiente, formando mapas mentais. Lynch está preocupado com a imagem do espaço ou meio ambiente construído na cidade. Cada elemento tem uma identidade (individualidade), uma estrutura (posicionamento relacional com o observador ou outro objeto) e um significado (que pode ser prático ou emocional). Isto dá uma certa previsibilidade e estabilidade à percepção que as pessoas têm sobre a cidade. A leitura que se faz da cidade provém, assim, do que Lynch chama de imageabilidade (legibilidade, visibilidade ou aparência).

Lynch, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1999. [1960]. (Capítulo 1: A imagem do ambiente, p.1-15; Capítulo 3: A imagem da cidade e seus elementos, p.51-100).

AULA 8 – HARVEY MOLOTCH

A contribuição teórica de Harvey Molotch para o pensamento sobre o desenvolvimento urbano, que teve por base estudos sobre as cidades americanas, é subestimado no Brasil. Ele é, por certo, um dos percussores das teorias genericamente chamadas de “regime theory” que em muito se desenvolveram a partir dos anos 1970, desde a perspectiva da ciência política. Sua contribuição para a sociologia urbana é fundamental para entender a lógica do desenvolvimento urbano a partir dos interesses imobiliários locais. O conjunto de proprietários de terra e imobiliários, embora competitivos, se articula para fazer crescer a cidade segundo a sua própria lógica. É o que Molotch chama de *máquina do crescimento urbano* local. No final dos anos 1980, ele escreve um livro (com John Logan – “Urban fortunes...”) retomando e aprofundando o seu trabalho realizado em meados dos anos 1970. Embora o contexto de sua análise sejam as cidades americanas, é possível tecer importantes paralelos com a dinâmica do crescimento e desenvolvimento urbano de cidades no mundo todo.

Molotch, Harvey. The city as a growth machine: towards a political economy of place. *American Journal of Sociology*, v.82, n.2, 309-332, 1976.

Molotch, Harvey. The political economy of growth machines. *Journal of Urban Affairs*, v.15, n.1, 29-53, 1993.

Logan, John e Molotch, Harvey. *Urban fortunes. The political economy of place*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1987. (Chapter 1: The social construction of cities, p.1-12; Chapter 2: Places as commodities, p.17-49; Chapter 3: The city as a growth machine).

AULA 9 – NEIL SMITH

Neil Smith discute a complexidade do conceito de ESPAÇO, de significados múltiplos e, até, contraditórios. Espaço não é um simples receptáculo ou vácuo ou, pelo menos, não apenas isso. Da Física à Filosofia, são diversas as teorias sobre o espaço, mas ressalta ser de interesse primordial desenvolver a noção de ESPAÇO GEOGRÁFICO. O ESPAÇO ABSTRATO parece definir um campo em relação ao qual a realidade pode ser situada. Ele é imutável; é a referência primeira, porém, sem muita utilidade para o entendimento da vida em sociedade. A introdução da ideia de ESPAÇO RELATIVO é, assim, fundamental para o desenvolvimento da noção de ESPAÇO SOCIAL e GEOGRÁFICO. Esses não se definem como ESPAÇO FÍSICO e NATURAL, embora possam tê-lo como referência. O espaço geográfico é, no entanto, antes de qualquer coisa, físico (cidades,

campos, estradas etc.). “O espaço natural, no sentido de espaço absoluto herdado, não é sinônimo de espaço físico, haja vista que o espaço físico, por definição, pode ser social”. (p.120). O espaço geográfico é, assim, tanto objetivo quanto produto das forças sociais: “Diferentes sociedades usam e organizam o espaço de modos diferentes e os diferentes padrões geográficos daí resultantes ostentam o sinal evidente da sociedade que usa e organiza o espaço”. (p.122). O conceito de PRODUÇÃO DO ESPAÇO permite ver a unidade do espaço e da sociedade. Aqui, o espaço geográfico é visto como produto social. Ela é também a produção do significado etc., além do próprio espaço físico. Trata-se da reprodução das relações sociais de produção. Nós “...produzimos o espaço, vivendo, atuando e trabalhando”. (p.132). Smith também discute o espaço geográfico como condição para a sobrevivência do capitalismo, em particular o papel de sua resultante, o desenvolvimento desigual.

Smith, que sempre mesclou academia com ativismo político, é também um dos principais articuladores do conceito de GENTRIFICAÇÃO, em particular o de GENTRIFICAÇÃO GENERALIZADA, denunciando as consequências nefastas das dinâmicas imobiliárias contemporâneas.

Smith, Neil. *Desenvolvimento desigual. Natureza, capital e a produção do espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. (Capítulo 3: A produção do espaço, p.109-147).

Smith, Neil. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. *GEOUSP – espaço e tempo*, São Paulo, n.21, 15-31, 2007.

Smith, Neil. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à “regeneração” urbana como estratégia urbana global. (59-87). In: Bidou-Zachariasen, Catherine. (Org.). *De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos*. São Paulo: Annablume, 2006.

AULA 10 – DAVID HARVEY

Harvey é um conhecido geógrafo inglês, radicado nos EUA. Hoje está no Center for Place, Culture and Politics do The Graduate Center - CUNY. Ao longo das décadas, produziu mais de 20 livros, publicados em diversas línguas, mundo afora. Ficou mais conhecido após o lançamento de seu “Justiça social e a cidade”, no início da década de 1970, livro que anuncia sua virada para o marxismo. Ao longo dos anos, dedicou-se a estudar as desigualdades urbanas e regionais em um mundo cada vez mais capitalista. Elabora (ou reelabora a partir de Marx e, às vezes, Lefebvre) conceitos fundamentais, como sua versão de crise, resolução espacial, dos circuitos da economia, acumulação via espoliação, direito à cidade etc. Sua abordagem sobre o empreendedorismo urbano clarifica a discussão sobre o novo planejamento urbano, em voga nas cidades americanas desde o final da década de 1960, e suas PPPs (parcerias público-privadas). Em outro clássico, discute as mudanças paradigmáticas no capitalismo do fordismo para a acumulação flexível. Mais tarde, aprofundou os estudos de como o Capital se insere e expande por todas as partes do globo. E prossegue, até hoje, livro após livro, sempre inovadores, interpretando as novas tendências do desenvolvimento capitalista e desafiando o *status quo*.

Harvey, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005. (Capítulo VI: Do administrativismo ao empreendedorismo: a transformação da governança urbana no capitalismo tardio, p.163-190.) [1989].

Harvey, David. *Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2002. (Parte II – A transformação político-econômica do capitalismo do final do século XX, p.115-184). [1989].

Harvey, David. *O novo imperialismo*. São Paulo: Loyola, 2004. (Capítulo 4: A acumulação via espoliação, p.115-148). [2003].

AULA 11 – MANUEL CASTELLS

Manuel Castells tem contribuído em muito para os estudos urbanos ao longo de quase 50 anos. A questão urbana, os movimentos sociais urbanos, os tecnopolos são alguns de seus objetos de estudo. Os textos aqui em discussão estão inseridos em seus estudos sobre a sociedade em rede. A teoria dos espaço de fluxos é um dos melhores suportes para se compreender a estruturação urbana de hoje, em particular, a contradição entre duas lógicas: a global (espaço de fluxos) e a local (espaço de lugares).

Castells, Manuel. *A sociedade em rede*. Volume I. São Paulo: Paz e Terra, 2001. (Capítulo 6: O espaço de fluxos, p.467-521).

Castells, Manuel. Local and global: cities in the network society. *Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie*, v.93, n.5, 548-558, 2002.

AULA 12 – ED SOJA

Mais comumente conhecido por Ed, Soja se tornou um nome celebrado na geografia (em particular urbana) e nas ciências sociais, com o livro *Geografias Pós-modernas*, publicado em 1989. O livro é tido como emblemático do movimento conhecido como "virada espacial" nas ciências sociais. A sua base epistemológica se distancia da economia política modernista com foco único na história e de subordinação do espaço ao tempo, para propor uma "dialética socioespacial", contribuindo, com sua geografia marxista, para a consolidação de uma teoria social crítica. Assim é possível vislumbrar um materialismo histórico-geográfico como também uma geografia histórica do capitalismo. A proposta do autor foi igualmente chamada de materialismo geográfico pós-moderno, humanístico crítico. O próprio Soja se refere de várias outras maneiras ao movimento que ajudou a criar: pós-modernismo crítico, geografias alternativas, geografia humana crítica, multifacetada e inclusiva etc., indicando haver uma certa abertura de interpretação dos muitos conceitos elaborados ou do que chama "imaginações geográficas". Com os livros seguintes, em particular *Thirdspace* (de 1996) e *Postmetropolis* (de 2000), Soja completou uma trilogia. Estes últimos são incursões mais detalhadas sobre aspectos do primeiro livro aqui já comentado e que não foram tratados, ou que foram revisados ou aprofundados, em particular no que diz respeito ao pensamento espacial de Lefebvre e à discussão de Los Angeles como paradigma da cidade pós-moderna. A ideia de pós-metrópole, por exemplo, já havia aparecido em *Postmodern geographies*, na análise da polinucleada Los Angeles. Em *Seeking spatial justice*, livro publicado em 2010, Soja não abandona seu projeto de trazer a geografia para o centro da análise e avança na discussão das consequências de movimentos sociais urbanos no setor dos transportes públicos em luta pelo direito à cidade em Los Angeles. Retoma assim o tema de Lefebvre sobre o poder inerente ao comando do espaço.

SOJA, Edward W. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. (cap. 7: A geografia histórica da reestruturação urbana regional, p.191-229).

SOJA, Edward W. *Thirdspace. Journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places*. Oxford: Blackwell, 1997. (ch. 2: The trialectics of spaciality, p.53-82).

SOJA, Edward W. *Postmetropolis. Critical studies of cities and regions*. Oxford: Blackwell, 2000. (ch. 14: Postscript: critical reflections on the postmetropolis, p.396-415).

SOJA, Edward W. *Seeking spatial justice*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010. (ch. 3: Building a spatial theory of justice, p.67-110).

AULA 13 – SASKIA SASSEN

O termo foi criado por Manuel Castells, mas um estudo seminal, bastante consistente, consagrou Saskia Sassen como a autora do conceito de CIDADES GLOBAIS. Para ela, estas são as grandes cidades internacionais que concentram os centros de comando da economia mundial (Nova York, Londres, Tóquio), em rede com outras cidades espalhadas por todos os continentes (Frankfurt, Toronto, Hong Kong etc.). Além de concentrar tais corporações, estas cidades mantêm uma complexa dinâmica econômica de serviços de apoio, nem sempre diretamente ligados às empresas internacionais. Assim, estas cidades também se caracterizam pelo crescimento exarcebado da desigualdade econômica e social e sua conseqüente segregação espacial, conseqüência das dinâmicas imobiliárias correlatas.

SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Studio Nobel, 1998. (capítulos 1, 6 e 7).

AULA 14 – MIKE DAVIS

Mike Davis tem uma vasta e premiada obra acadêmica, tendo publicado uma sucessão de livros influentes sobre o passado catastrófico e a posterior pós-modernização de Los Angeles, a latinização das grandes cidades americanas, a decadência das grandes cidades, a favelização planetária etc. Aqui, serão discutidos apenas dois capítulos de sua extensa obra: a bunkerização de Los Angeles (como das grandes cidades, em geral) e o crescimento dos aparatos indústria civis de segurança; e também, no Prefácio de Cidades Mortas, as representações e práticas do terror, que mantêm as grandes cidades e seus pequenos e grandes poderes em xeque no mundo contemporâneo.

DAVIS, Mike. *Cidade de quartzo. Escavando o futuro em Los Angeles*. São Paulo: Scritta Editorial, 1993. (Capítulo quatro: Fortaleza LA, p.203-235).

DAVIS, Mike. *Cidades mortas*. Rio de Janeiro: Record, 2007. (Prefácio, p.11-33).

AULA 15 – SHARON ZUKIN

A socióloga, professora do The Graduate Center da City University of New York, há muito produz sobre cidade e cultura, tendo se tornado uma espécie – embora crítica – de seguidora de Jane Jacobs. Pelo menos, sua motivação pessoal e interesses – é moradora do SOHO, bairro gentrificado de Manhattan, contíguo à Greenwich Village – são similares aos de Jacobs. Zukin ficou conhecida ao escrever o livro LOFT LIVING, que trata da conversão de edifícios industriais, característicos de Nova York, em apartamentos. Primeiro, tal conversão foi feita por artistas e operadores culturais, primeiros gentrificadores de um alinhamento de bairros em Lower Manhattan, que inicia, nos anos 1950, no Greenwich Village, passa pelo SOHO (1970-80s), por East Village (1990s), depois atravessa a ponte do Brooklyn para WILLIAMSBURG e BUSHWICK (2000s). O texto que elabora em NAKED CITY, sobre a “autenticidade” das experiências urbanas, é de particular interesse para a compreensão de muito o que acontece em renovações urbanas em muitas cidades do mundo hoje.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.24, 205-219, 1996.

ZUKIN, Sharon. *Naked city. The death and life of authentic urban places*. Oxford: Oxford University Press, 2009. (Introduction, p.1-31).

ZUKIN, Sharon. *Public art: tracing the life cycle of New York's creative districts*. Conference at Osaka City University, 2011.

AULA 16 – REM KOOLHAAS

Koolhaas talvez seja o mais importante arquiteto da atualidade. Tem escritórios em várias cidades globais e projetos espalhados no mundo todo. É de particular interesse por ter uma produção intelectual bastante sólida, tendo elaborado um grande número de conceitos que são muito úteis para interpretar o desenvolvimento urbano atual, mas que também apontam para uma prática coerente e consistente. Tudo começou com a sua participação, como professor, no extinto Instituto de Arquitetura e Estudos Urbanos de Nova York (IAUS), na década de 1970, quando produziu seu livro *DELIRIOUS NEW YORK*, no qual, por meio da observação do desenvolvimento da cidade ao longo das décadas, elabora conceitos que, mais tarde, são reelaborados e estendidos em outras obras.

KOOLHAAS, Rem. *Nova York delirante. Um manifesto retroativo para Manhattan*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

KOOLHAAS, Rem. *Três textos sobre a cidade: Grandeza, ou o problema do grande; A cidade genérica; Espaço-lixo*. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2014.

OUTROS AUTORES DE INTERESSE:

DIANE GHIRARDO

FRANÇOISE CHOAY

FREDRIC JAMESON

HANNAH ARENDT

JAN GEHL

JEAN LOJIKINE

JORDI BORJA

LEONARDO BENEVOLO

MARK GOTTDIENNER

MARSHALL BERMAN

MICHEL DE CERTEAU

MILTON SANTOS

PETER AMBROSE

RAYMOND WILLIAMS

RICHARD SENNETT

TERESA CALDEIRA

WITOLD RYBCZYNSKI

ZYGMUNT BAUMAN